

ENTRE O PRETO E O BRANCO

Ignes Carneiro

(Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro)

A moto parecia voar na avenida, estimulada pelos poucos carros e pelo forte calor que fazia. Apesar do vento que castigava os olhos durante o trajeto em alta velocidade, foi nesse dia, com a viseira do capacete levantada e os olhos espremidos que notou, pela primeira vez e sem querer, o enorme escudo na edificação que margeava a pista da direção contrária, no sentido Centro. Tomou um susto, não pela visão inesperada, que no íntimo tinha lhe acionado certas memórias de alguma coisa muito mal ruminada, mas pelo barulho da viseira que abaixou sozinha quando a moto passou por alguma das elevações do asfalto. Aproveitou a oportunidade para tentar se recompor, concluindo que sobre certos assuntos o melhor é mesmo não pensar.

Havia esquecido, porém, que nem sempre o mundo e seus acasos concordam com nossas internas prerrogativas e viu-se novamente diante do mesmo escudo, agora costurado na camisa de um colega de turma. Dessa vez, não pôde deixar de pensar a respeito. Perplexa e um pouco letárgica, com alguma dificuldade conseguiu uma carteira para se sentar. A reação à visão do escudo era compreensível: certamente não era esse o time de futebol mais popular do Rio de Janeiro, sobre o qual seria normal dar de cara com tantas referências numa noite, em intervalo de pouco mais de meia hora e em um dia que não era o de jogo. É certo admitir que duas referências não são uma grande quantidade, mas um enviesamento inconsciente tende a agravar essas percepções.

O escudo era preto e branco, com quatro estrelas amarelas acima e uma branca em seu interior. Com os olhos fixos no símbolo do time alvinegro estampado na camisa do colega, lembrava-se de fragmentos vividos e recordados por imagens e situações que agora se embaralhavam: criança, sorrindo e sendo carregada no pescoço de um homem. Criança, achando e folheando por horas algumas revistas playboys embaixo da bem dobrada camiseta do time, com uma estampa em que se lia “7up”.

Buscou o caderno na mochila. “Alguma coisa narrativa”, pensou, enquanto tentava também lembrar que dia era aquele e entender o que estava sendo tratado na aula. Não conseguia prestar atenção, apesar do esforço. Só “A Fugitiva” como título de alguma obra referenciada em sala poderia ser encontrado nas anotações da aula daquele dia. Perdida nas linhas pretas e brancas da camiseta, pensava nas coincidências do dia. Não sabia que era possível o acaso machucar tanto e por isso não entendia.

A fixação do olhar e pensamento foram interrompidos pelo toque de um amigo que a convidava para jantar. E foram. Não foi difícil reparar a estranha mudez, que não lhe era de costume nesses momentos, em que comentavam sobre as matérias, os professores, as provas. Ele perguntou:

- Tá pensando no quê?

- No Botafogo.

- Não sabia que você tinha time.

- Eu também não sabia. Mas vai ver eu tenho.

- Nunca entendi muito bem esse lance de time. Como alguém escolhe um e fica doido torcendo?

- Também não entendo.

- E por que o Botafogo?

Foi mais uma vez dragada para o abismo das suas memórias. Criança, levando ao hospital o homem que quebrara a perna ao cair bêbado em casa. Criança, ouvindo o homem dizer que nunca quis ser pai. Em um dia de jogo, certa vez, na curiosidade de entender a preferência do homem pelo time e contrastá-la com a sua rejeição, fez a mesma pergunta. Agora tinha a mesma resposta.

- Me apaixonei pela estrela solitária.